# CADERNOS AH!

#20

## IMAGINAÇÃO E MUDANÇA

ROBIN D. G. KELLEY

E OCTAVIA E. BUTLER

(ED. E TRAD. ANA GUIMIL)

**Imaginação e Mudança**
Textos de Robin D. G. Kelley e Octavia Butler, ed. e trad. por Ana Guimil

Revisão: Soraia Simões de Andrade
Paginação: Fernando Ramalho
Origem dos textos: Robin D. G. Kelley, *Freddom Dreams: The Black Radical Imagination*, Boston: Beacon Press. 2022; Octavia Butler, Octavia E. Butler, A Few Rules for Predicting the Future, São Francisco: Chronicle Books, 2024.
Imagem da capa: Kara Walker, "The Ballad of How We Got Here," 2021, flashe, ink, and cut paper on paper. 124 ½" x 139 ¾"/Photo: Kara Walker and Poetry Foundation

Robin D. G. Kelley (1962-) é um historiador norte-americano; Octavia E. Butler (1947-2006) foi uma escritora norte-americana. Ana Guimil trabalha em livrarias na Península Ibérica e na Turtle Island. Aprecia livros e chá em igual medida.

Outubro de 2024

www.muralsonoro.com
muralsonoro.info@gmail.com

## Quando a História Dorme, Um Começo
## Robin D. G. Kelley

*Quando a história dorme,*
*ela fala nos sonhos: à frente do povo adormecido,*
*o poema é uma constelação de sangue.*
Octavio Paz, *Liberdade sob Palavra*

A minha mãe tem tendência para sonhar alto. Penso que tenha algo que ver com a sua regular meditação matinal. Na escuridão silenciosa do quarto, o seu terceiro olho abre-se para

um novo mundo, um lugar bonito e cheio de luz, tão pacífico como o seu estado de espírito. Ela nunca precisou de pronunciar uma palavra para descrever a paz interior; como a luz do sol matinal irradiava para todos os que estavam na sua presença. A minha mãe sabe disso, e é por isso que, nas últimas duas décadas, adoptou o nome Ananda ("felicidade"). Os outros dois olhos nunca a deixaram esquecer o sítio onde vivíamos. Os polícias, os traficantes de droga, os assistentes sociais, a água da torneira ferrugenta, as baratas e os roedores, os corredores com cheiro a urina e os montes de lixo eram lembretes constantes de que o nosso mundo começava e acabava num apartamento arrendado do Harlem/Washington Heights, na 157ª com a Amsterdam.

No entanto, ela não permitia que vivêssemos como vítimas. Em vez disso, éramos uma família de cuidadores que herdou esta terra. Esperava-se de nós que ajudássemos qualquer criatura viva em necessidade, mesmo que isso significasse abdicar do nosso último bocado de pão. Pessoas estranhas e necessitadas passavam sempre pela nossa casa, ocasionalmente deixando-se ficar por longos períodos de tempo. (Uma vez, a minha mãe ajudou-me a trazer para casa um pombo de Nova Iorque com uma pata partida, numa tentativa falhada de a reabilitar!). Esperava-se que nos destacássemos da multidão e fizéssemos amizade com os inadaptados, acolhêssemos os miúdos que gaguejavam, cheiravam mal ou que tinham buracos na roupa. A minha mãe ensinou-nos que o Maravilhoso era de graça – nos padrões de uma pena de ave perdida, num pôr do sol do rio Hudson, na vista da nossa escada de incêndio, nas histórias que nos contava, na forma como cantava "Summertime" de Gershwin, num arco-íris criado pela alquimia do óleo de motor e da água de uma boca de incêndio aberta. Ela queria simplesmente que vivêssemos através do nosso terceiro olho, que víssemos a vida como uma possibilidade. Ela queria que imaginássemos um mundo livre do patriarcado, um mundo onde as relações sexuais e de género pudessem ser reconstruídas. Ela queria que víssemos o poético e o profético na riqueza das nossas vidas quotidianas. Queria que visualizássemos uma definição de negritude mais expansiva, fluida e "cosmos-polita", que nos ensinasse que não somos meros herdeiros de uma cultura, mas sim os seus criadores.

Assim, com os olhos bem abertos, a minha mãe sonhou e sonhou mais um pouco, descrevendo o que a vida poderia ser para nós. Não estava a falar de um mundo *post-mortem*, de uma espécie de céu ou de vida depois da morte; e não estava a falar de reencarnação (em que ela acredita, por acaso). Ela sonhava com terra, com uma casa espaçosa, ar fresco, comida biológica e prados intermináveis sem fronte-

ras, livres do mal e da violência, livres de toxinas e perigos ambientais, livres da pobreza, do racismo e do sexismo ... simplesmente livres. Ela nunca falou sobre como poderíamos criar um mundo assim, nem ligou a sua visão a qualquer ideologia política. Mas convenceu-me, e aos meus irmãos, de que a mudança é possível e de que não tínhamos de ficar presos ali para sempre.

A ideia de que poderíamos ir para um sítio que só existe na nossa imaginação – ou seja, "para lado nenhum" – é a definição clássica de utopia. Chamem-me utópico, herdei da minha mãe a crença de que o mapa para um novo mundo está na imaginação, naquilo que vemos com o nosso terceiro olho e não na desolação que nos rodeia.

Agora que olho em retrospectiva, a minha escrita e o tipo de política que me atrai têm mais que ver com a imaginação de um futuro diferente do que com o facto de estar lixado com o presente. Não que não tenha estado zangado, frustrado e crítico em relação à miséria criada pela opressão racial, de género e de classe, no passado e no presente. Nem é preciso dizer isso. O que quero dizer é que o sonho de um mundo novo, o sonho da minha mãe, foi o catalisador do meu próprio envolvimento político. Cheguei ao nacionalismo negro cheio de sonhos idealistas de uma sociedade em comunidade livre de todas as opressões, um mundo em que



éramos donos da terra e partilhávamos a riqueza e em que os brancos estavam longe da vista e da mente. Era o que eu imaginava que fosse a África pré-colonial. Claro que era ingénuo, ainda na adolescência, mas o meu cenário imaginário, derivado dos escritos de Cheikh Anta Diop, Chancellor Williams, Julius Nyerere, Kwame Nkrumah, Kwame Ture e outros, deu-me uma sensação de esperança e de possibilidade: de como poderia ser uma África pós-colonial.

Aprendi muito rapidamente que o passado antigo não era tão glorioso, pacífico ou comunitário como pensava – embora continue a acreditar que era muitas vezes melhor do que o que encontrámos quando chegámos às Américas. As histórias das antigas colónias – quer se trate do Zaire de Mobutu, do Uganda de Amin ou da Guiana de Forbes Burnham desconstruíram a maior parte das minhas expectativas acerca do que seria necessário para alcançar a verdadeira liberdade. Na faculdade, tal como todos os outros revolucionários neófitos influenciados pelos acontecimentos na África Austral, em El Salvador e na Nicarágua, em Cuba e em Granada, estudei os movimentos de libertação do Terceiro Mundo e as sociedades pós-emancipação na esperança de descobrir diferentes visões de liberdade nascidas de circunstâncias da luta. Procurei em vão vislumbres de uma nova sociedade, nas "zonas libertadas" das colónias africanas de Portugal duran-

te as guerras de independência, no movimento "New Jewel" de Maurice Bishop em Granada, nas tragicamente efémeras aldeias comunais do século XIX na Guiana, no breve momento em que os trabalhadores em greve do Congo-Brazzaville tomaram momentaneamente o poder do Estado e se prepararam para criar o primeiro Estado operário de África. É certo que todos estes movimentos se despenharam contra os rochedos, e foram destruídos por várias forças internas e externas, mas deixaram para trás no mínimo algum tipo de visão, ainda que fragmentada ou incompleta, do que queriam que fosse o seu mundo.

Tal como a maioria dos meus camaradas activos durante os primeiros tempos da era Reagan, voltei-me para o Marxismo pelas mesmas razões que olhei para o Terceiro Mundo. A miséria do proletariado (lúmpen e outros) revelou-se menos interessante e menos urgente do que a promessa de revolução. Sentia-me atraído pelo comunismo com c minúsculo porque, em teoria, parecia aproveitar a tecnologia para resolver as necessidades humanas, dar-nos menos trabalho e mais lazer e libertar-nos a todos para criar, inventar, explorar, amar, relaxar e gozar a vida sem carência das necessidades básicas da vida. A minha irmã mais velha, a Makani, e eu costumávamos pregar aos outros sobre o fim do dinheiro; o desaparecimento da pobreza, da propriedade e do Estado;



e a destruição da base material do racismo e do patriarcado. Fiquei fascinado pelo jovem Marx d'A Ideologia Alemã e d'O Manifesto Comunista, o Marx visionário que previa a abolição de todas as instituições de exploração. Segui do jovem Marx, através do falecido historiador inglês Edward P. Thompson, até aos socialistas românticos renegados, como William Morris, que queriam romper com todos os vestígios da produção e racionalização capitalistas. O Morris estava menos preocupado com a eficiência socialista do que com a transformação das relações sociais e com a construção de comunidades novas, livres e democráticas, assentes, como disse Thompson, "a ética da cooperação, as energias do amor".

São muito poucos os espaços políticos contemporâneos onde as energias do amor e da imaginação são compreendidas e respeitadas como forças sociais poderosas. Os socialistas, utópicos e científicos, tinham pouco a dizer sobre isto, pelo que a minha procura de um sonho de liberdade ainda mais elaborado e completo me obrigou a tomar um rumo mais imaginativo. Graças a muitos encontros maravilhosos com o Franklin e a Penelope Rosemont, o Ted Joans, a Laura Corsiglia e o Jayne Cortez, descobri o surrealismo, não tanto nos escritos e acções de André Breton ou Louis Aragon ou outros líderes do movimento surrealista que surgiu em Paris após a Primeira Guerra Mundial, mas debaixo do meu nariz,

por assim dizer, enterrado no solo rico e negro da cultura da afro-diáspora. Aqui encontrei uma arma milagrosa sem data de nascimento, sem data de validade, sem marca registada. Segui o Maravilhoso desde as práticas ancestrais das sociedades Maroon e Xamânicas até ao futuro, às metrópoles da Europa, à gente do *blues* da América do Norte, ao mundo colonizado e semi colonizado que produziu pessoas como o Aimé e a Suzanne Césaire e o Wifredo Lam.

Os surrealistas não só me ensinaram que qualquer movimento sério em direcção à liberdade tem de começar na mente, como também nos deram alguns dos sonhos mais imaginativos, expansivos e divertidos de um novo mundo que alguma vez conheci.

Ao contrário do que geralmente se pensa, o surrealismo não é uma doutrina estética, mas um movimento revolucionário internacional preocupado com a emancipação do pensamento. De acordo com o Grupo Surrealista de Chicago,

> "O surrealismo é a exaltação da liberdade, da revolta, da imaginação e do amor. O seu objectivo principal é atenuar e, eventualmente, resolver completamente a contradição entre a vida quotidiana e os nossos sonhos mais loucos. Subversivos por definição, o pensamento e a acção surrealistas destinam-se não só a desacreditar e a destruir as forças de repressão, mas também a emancipar o desejo e a fornecer-lhe novas armas poéticas…A começar com a abolição da escravatura da imaginação, caminha para a criação de uma sociedade livre na qual todos serão poetas. Uma sociedade na qual todos serão capazes de desenvolver as suas potencialidades de forma plena e livre."

Os membros do Grupo Surrealista de Madrid, por exemplo, vêem o seu trabalho como uma intervenção na vida mais do que na literatura, uma batalha prolongada contra todas as formas de opressão que visa substituir "a suspeição, o medo e a raiva pela curiosidade, a aventura e o desejo" e "um espaço modelo para a vida colectiva – um espaço do qual a separação e o isolamento são banidos para sempre".

Os surrealistas referem-se a uma transformação total da sociedade, e não apenas à concessão de maior poder político e económico às populações injustiçadas. Eles falam acerca de novas relações sociais, de novas formas de vida e de interacção, de novas atitudes em relação ao trabalho e ao lazer e à comunidade. Neste ponto, partilham muito com as feministas radicais cuja visão revolucionária se estendeu a to-

dos os aspectos da vida social. As feministas radicais ensinaram-nos que não há nada de natural ou inevitável nos papéis de género, na dominação masculina, na sobre-representação dos homens em posições de poder ou na tendência dos homens para usarem a violência como meio para resolver conflitos. As feministas radicais não brancas, em particular, revelam como a raça, o género e a classe trabalham conjuntamente para subordinar a maior parte da sociedade, ao mesmo tempo que complicam as noções simples de irmandade universal ou os argumentos biológicos que estabelecem os homens como o inimigo universal. Tal como todos os outros movimentos que chamaram a minha atenção, o feminismo radical, bem como as ideias que emergem dos movimentos lésbico e gay, revelaram-se atractivos não apenas pelas suas críticas ao patriarcado, mas pelos seus sonhos de liberdade. O trabalho destes movimentos, no seu conjunto, questiona o que é «normal»; mostra-nos como o Estado e a cultura oficial policiam o nosso comportamento no que diz respeito à sexualidade, aos papéis de género e às relações sociais; e encoraja-nos a construir uma política enraizada no desejo.

Os intelectuais negros associados a cada um destes movimentos não só imaginaram um futuro diferente, como, em muitos casos, a sua visão emancipatória se revelou mais radical e inclusiva do que a proposta pelos seus compatriotas.* De facto, ao longo do livro, defendo que estes intelectuais, activistas e artistas negros renegados, desafiaram e reformularam o comunismo, o surrealismo e o feminismo radical e, ao fazê-lo, produziram ideias teóricas brilhantes que poderiam ter levado estes movimentos a seguir novas direcções. Na maioria dos casos, porém, as visões críticas dos radicais negros foram mantidas à distância, se não mesmo completamente marginalizadas. É claro que há muitas pessoas que ainda lutam para tornar esses sonhos realidade: alargando, elaborando e aperfeiçoando a sua visão à medida que a batalha progride. Este livro é sobre esses sonhos de liberdade; é apenas um esboço breve e idiossincrático de uma história da imaginação radical negra no século XX. Não tenho a pretensão de ter escrito algo que se aproxime de uma história do movimento ou de uma história intelectual, e não estou interessado em explicar porque é que estes sonhos de revolução não tiveram êxito (ainda!). Em vez disso, quero simplesmente explorar as diferentes formas de como os autoproclamados renegados imaginavam a vida após a revolução e de onde vinham as suas ideias. Embora *Sonhos de Liberdade* não seja um livro de memórias, é um livro muito pessoal. Está vagamente organizado em torno do meu próprio percurso político, em torno dos sonhos que em tempos partilhei ou ainda partilho. Desde os sonhos de uma utopia

africana até ao mundo surreal da nossa imaginação, desde os sonhos comunistas e feministas de abolir todas as formas de exploração até ao sonho de quatrocentos anos de vingança pela escravatura e por Jim Crow.

O meu objectivo ao escrever este livro é simplesmente retomar uma conversa muito antiga sobre o tipo de mundo pelo qual queremos lutar. Não sou o único interessado no exercício de sonhar. É óbvio que há muitos activistas e pensadores a ter esta conversa neste momento, desde a minha irmã Makani Themba-Nixon, ao Cornel West e a Lian e o Eric Mann até Norma Jean Freeman e o Don Freeman, de Cleveland, Amina e Amiri Baraka, de Newark, e Grace Lee Boggs, de Detroit, para citar apenas alguns. Durante décadas, estas e outras pessoas atreveram-se a falar abertamente de revolução e sonhar com uma nova sociedade, criando por vezes obras culturais que permitem às comunidades imaginar o que é possível através da acção colectiva, da auto-transformação pessoal e da vontade.

Não escrevi este livro para os esquerdistas tradicionais que trocaram os seus sonhos pela ortodoxia e pelo sectarismo. A maioria dessas pessoas não tem esperança, infelizmente. E serão os primeiros a rejeitar este livro como sendo utópico, idealista e romântico. Em vez disso, escrevi-o para qualquer pessoa corajosa o suficiente para ainda sonhar, especialmente para os jovens que estão a crescer naquilo a que o crítico Henry Giroux chama, de forma perspicaz, "a cultura do cinismo"; para os jovens cujos sonhos foram totalmente saqueados pelo mercado. Num mundo em que tantos jovens acreditam que "ser pago" e viver ostensivamente era o objectivo do movimento de libertação dos negros, há pouco espaço para sequer discutir a construção de uma cultura pública democrática radical. Demasiados jovens acreditam realmente que isto é o melhor que podemos fazer. Contudo, têm aparecido rostos jovens em massa nas manifestações contra a globalização que tiveram início em Seattle, no ano 1999, e o êxito das campanhas universitárias contra as "sweatshops" deve muito do seu sucesso a um número crescente de estudantes radicalizados. O Congresso Radical Negro, lançado em 1997, atraiu centenas de activistas com menos de vinte e cinco anos, assim como a campanha para libertar Mumia Abu-Jamal. Portanto, há esperança.

A questão mantém-se. Com que estão os jovens activistas de hoje a sonhar? Sabemos contra o que estão a lutar, mas estão a lutar pelo quê? Estas são questões cruciais, para uma das premissas base deste livro que é que os sonhos mais poderosos e visionários de uma nova sociedade não surgem de pequenos grupos de reflexão de pessoas inteligentes ou do

mundo atomizado e individualista do capitalismo de consumo, onde a revolta contra o *status quo* é simplesmente a coisa mais popular para se fazer. Os sonhos revolucionários surgem do envolvimento político; os movimentos sociais colectivos são incubadoras de novos conhecimentos. Embora isto possa parecer óbvio, estou cada vez mais rodeado de estudantes bem-intencionados que querem ser activistas mas que expressam ansiedade em relação a produzir trabalho intelectual. Diferenciam frequentemente os dois, posicionando o activismo e o trabalho intelectual como inerentemente incompatíveis. Falam do mundo "real" como uma selva de cimento invadida pela violência e pelo desespero, e da universidade como se fosse um santuário higienizado, distante da vida e das lutas das pessoas reais. No extremo oposto, já tive alunos que defendiam que os problemas que as "pessoas reais" enfrentam hoje em dia podem ser resolvidos simplesmente colmatando o fosso entre o nosso conhecimento superior e as pessoas que não têm acesso a esse conhecimento. Defensores involuntários de uma espécie de ideologia do "décimo talento" de elevação racial, o seu objectivo declarado é "chegar ao povo" com conhecimentos mais "acessíveis", para levar ao bairro a informação de que as pessoas precisam para se libertarem. Embora seja encorajador ver jovens entusiasmados com a aprendizagem e conscientes das implicações políticas do conhecimento, preocupa-me quando acreditam que o simples facto de "despejarem a ciência" sobre as pessoas irá gerar movimentos sociais novos e libertadores. Estou convencido de que o oposto é verdadeiro: os movimentos sociais geram novos conhecimentos, novas teorias, novas questões. As ideias mais radicais nascem frequentemente de um envolvimento intelectual concreto com os problemas das populações afectadas confrontadas com sistemas de opressão. Por exemplo, o estudo académico da raça esteve sempre intrinsecamente ligado a lutas políticas. Tal como o imperialismo, o colonialismo e a política de redenção pós-reconstrução criaram o terreno intelectual para o darwinismo social e outras manifestações de racismo científico, a luta contra o racismo gerou estudos relativistas culturais e construcionistas sociais sobre a raça. As grandes obras de W. E. B. Du Bois, Franz Boas, Oliver Cox e muitos outros foram invariavelmente moldadas pelos movimentos sociais bem como por crises sociais como a proliferação dos linchamentos e a ascensão do fascismo. Do mesmo modo, a análise do género foi trazida até nós pelo movimento feminista, e não simplesmente pelo génio individual das irmãs Grimke ou de Anna Julia Cooper, Simone de Beauvoir ou Audre Lorde. Pensar sobre o género e a possibilidade de transformação evoluiu em grande medida na sua relação com a luta social.

Os movimentos sociais progressistas não se limitam a produzir estatísticas e narrativas de opressão; pelo contrário, os melhores fazem o que a boa poesia faz sempre: transportam-nos para outro lugar, obrigam-nos a reviver horrores e, mais importante ainda, permitem-nos imaginar uma nova sociedade.

Devemos lembrar-nos que as condições e a própria existência dos movimentos sociais permitem aos participantes imaginar algo diferente, permitem perceber que as coisas não precisam de ser sempre da mesma forma. É essa imaginação, esse esforço de ver o futuro no presente, a que chamarei "poesia" ou "conhecimento poético". A minha inspiração vem do grande ensaio de Aimé Césaire *Poesia e Conhecimento*, publicado pela primeira vez em 1945. Começando com a simples mas provocadora premissa de que "o conhecimento poético nasce no grande silêncio do conhecimento científico", Césaire demonstra porque é que a poesia é a única forma de alcançar o tipo de conhecimento de que precisamos para ultrapassar as crises mundiais. "O que governa o poema", escreve ele, "quando a história dorme": "não é a inteligência mais lúcida, a sensibilidade mais aguçada ou os sentimentos mais subtis, mas a experiência como um todo." Isto significa que tudo, todas as histórias, todos os futuros, todos os sonhos, todas as formas de vida, desde as plantas



aos animais, cada impulso criativo, é extraído das profundezas do inconsciente. A poesia, portanto, não é o que reconhecemos simplesmente como o "poema" formal mas uma revolta: um grito na noite, uma emancipação da linguagem e das velhas formas de pensar. Olhemos para a terceira proposta de Césaire relativamente ao conhecimento poético: "O conhecimento poético é aquele em que o homem salpica o objecto com todas as suas riquezas mobilizadas."

Na poética da luta e da experiência vivida, nas palavras das pessoas comuns, nos produtos culturais dos movimentos sociais, nas reflexões dos activistas, descobrimos os mais diversos mapas cognitivos do futuro, do mundo ainda por nascer. No entanto, recuperar a poesia dos movimentos sociais, nomeadamente a poesia que sonha com um mundo novo, não é uma tarefa assim tão fácil. Por razões óbvias, aquilo que somos contra tende a ter primazia sobre aquilo de que somos a favor, que é sempre uma questão mais complicada e ambígua. Um exemplo dos legados da opressão é o facto de a oposição ser tão frequentemente contida, ou de os esforços para encontrar "espaços livres" que articulem ou mesmo ajudem a realizar os nossos sonhos serem tão raros ou marginalizados. George Lipsitz procura explicar o problema quando escreve em *Dangerous Crossroads* que "O desejo de trabalhar por entre as contradições existentes em

vez de ficar fora delas, representa não tanto uma preferência pela reforma meliorista em relação à mudança revolucionária, mas antes um reconhecimento da impossibilidade de ficar fora dos sistemas totalitários de dominação." Além disso, mesmo que conseguíssemos reunir os nossos sonhos de um mundo novo, como é que os poderíamos concretizar numa cultura dominada pelo mercado? Como é que os movimentos sociais podem, de facto, moldar os desejos e os sonhos dos seus participantes?

Outro problema, claro, é que esse sonho é muitas vezes suprimido e policiado não só pelos nossos inimigos como pelos líderes dos movimentos sociais. As visões utópicas dos nacionalistas masculinos, ou dos chamados socialistas, dependem muitas vezes da supressão das mulheres, dos jovens, dos gays e das lésbicas, das pessoas não-brancas. O desejo pode ser esmagado pela dita ideologia revolucionária. Não sei quantas vezes os autoproclamados esquerdistas falam em universalizar a "cultura da classe trabalhadora" concentrando-se apenas naquilo que pensam ser edificante e politicamente correcto, porém nunca prestando atenção ao eufórico. Lembro-me de participar numa conferência em Vermont sobre o futuro do socialismo, onde um grupo de nós se envolveu numa discussão com uma geração mais velha de esquerdistas brancos que propunha substituir a música "pop retrógrada" pela "música revolucionária" da "classe trabalhadora" de Phil Ochs, Woody Guthrie, Bob Dylan pré-eléctrico e canções da Guerra Civil Espanhola. E lá estava eu, a gritar alegremente a plenos pulmões: "Nem pensar! Depois da revolução, continuamos a querer o Bootsy! É isso mesmo, queremos o Bootsy! Precisamos de funk!"



Por vezes, penso que as condições da vida quotidiana, das opressões do dia-a-dia, da sobrevivência, já para não falar dos prazeres temporários acessíveis à maioria de nós, tornam inerte grande parte da nossa imaginação. Estamos constantemente a apagar fogos, a responder a emergências, a encontrar refúgios temporários, o que torna difícil ver algo mais do que o presente. Como disse o grande poeta Keorapetse Kgositsile: "Quando as nuvens se dissiparem / Saberemos a cor do céu". Quando os movimentos não conseguiram dissipar as nuvens, foram os poetas – independentemente do veículo – que conseguiram imaginar a cor do céu, tornar visíveis os tipos de sonhos e futuros que os movimentos sociais são capazes de produzir.

## Saber a cor do céu é muito mais importante do que contar as nuvens

Ou, dito de outra forma, a arte mais radical não é a arte de protesto, mas as obras que nos levam para outro lugar, que

vislumbram outra forma de ver, talvez uma forma diferente de sentir. Era isto que o poeta Askia Muhammad Toure queria dizer quando, num artigo de 1964 na revista Liberator, chamou aos artistas negros de *rhythm and blues* "poetas filósofos" e descreveu a sua música como uma "arma potente na luta pela liberdade dos negros". Para Toure, o "movimento" era mais do que os "sit-ins" nos balcões dos cafés, as campanhas de recenseamento eleitoral e as "freedom rides"; tratava-se de uma auto-transformação, de uma mudança na forma de pensar, viver, amar e lidar com a dor. Embora a música espelhasse frequentemente de forma negativa a cultura em geral, ajudava a gerar orgulho na comunidade, desafiava o auto-ódio racial e construía o respeito próprio. Criou um mundo de prazer, não só para escapar às brutalidades quotidianas do capitalismo, do patriarcado, da supremacia branca, como para construir uma comunidade, estabelecer companheirismo, brincar, rir, e para plantar sementes para uma forma diferente de viver, para uma forma diferente de ouvir. Como Amiri Baraka disse no seu famoso ensaio, *The Changing Same*, a *música negra* tem o potencial de inaugurar um novo futuro baseado no amor: "A mudança para o Amor. A liberdade do amor e para o amor".

A liberdade e o amor podem ser as ideias mais revolucionárias de que dispomos e, no entanto, enquanto intelectuais, falhámos redondamente na tentativa de compreender a sua importância política e analítica. Apesar de ter passado uma década e meia a escrever sobre movimentos sociais radicais, só agora começo a perceber o que animou, motivou e uniu estes encontros de pessoas injustiçadas. Apercebi-me de que, quando reduzimos os movimentos sociais radicais à sua essência e compreendemos os desejos colectivos das pessoas em movimento, a liberdade e o amor estão no cerne. De facto, diria mesmo que a liberdade e o amor constituem a base da espiritualidade, outra força fugidia e intangível com a qual poucos estudiosos dos movimentos sociais conseguiram chegar a um acordo. Estas ideias estiveram sempre presentes nos movimentos que estudei, mas não fui capaz de as ver, de as reconhecer ou de as trazer à superfície. Espero que este pequeno livro possa ser um começo.

Octavia E. Butler. Foto: Mark Hanauer

**Algumas Regras Para Prever o Futuro: Um Ensaio**
**Octavia E. Butler**

"Acredita mesmo que no futuro vamos ter o tipo de complicações de que fala nos seus livros?", perguntou-me um estudante enquanto eu autografava livros depois de uma palestra. O jovem referia-se aos problemas que descrevi na *Parábola do Semeador* e na *Parábola dos Talentos*, romances que se passam num futuro próximo de crescente toxicodependência e analfabetismo, marcado pela popularidade das prisões e pela impopularidade das escolas públicas, pelo vasto e crescente fosso entre os ricos e todos os outros, e pelo

desagradável conjunto de problemas trazido pelo aquecimento global.

"Não fui eu que inventei os problemas", disse eu. Tudo o que fiz foi olhar à volta para os problemas que estamos a negligenciar agora e dar-lhes cerca de trinta anos para se transformarem em desastres completos.

"Está bem", desafiou o jovem. "Então, qual é a resposta?

"Não há nenhuma", disse-lhe eu.

"Não há resposta? Quer dizer que estamos condenados?" Ele sorriu, como se achasse que aquilo era uma piada.

"Não", disse eu. "Quero dizer que não há uma resposta única que resolva todos os nossos futuros problemas. Não existe uma solução mágica. Em vez disso, há milhares de respostas. No mínimo. Tu podes ter uma delas, se quiseres."

Vários dias depois, por correio, recebi uma cópia da história do jovem no jornal da sua faculdade. Ele mencionou a minha palestra, enumerou alguns dos meus livros e os problemas futuros de que tratavam. Depois citou a sua própria pergunta: "Qual é a resposta?" O artigo terminava com as três primeiras palavras da minha resposta, deixadas erradamente isoladas: "Não há nenhuma."

É infelizmente fácil inverter o sentido, dizer uma mentira, oferecer uma citação verdadeira mas incompleta. Neste



caso, foi frustrante, porque a única coisa que eu e as minhas personagens principais nunca fazemos enquanto contemplamos o futuro é perder a esperança. De facto, o próprio acto de tentar olhar em frente para discernir possibilidades e oferecer alertas é, em si mesmo, um acto de esperança.

**Aprender Com o Passado**

Claro que o facto de escrever romances sobre o futuro não me dá qualquer capacidade especial para prever o futuro. Mas encoraja-me a usar os nossos comportamentos passados e presentes como guias para o tipo de mundo que parece estarmos a criar. O passado, por exemplo, está cheio de ciclos repetidos de força e de fraqueza, de sabedoria e de estupidez, de império e de cinzas. Estudar história é estudar a humanidade. E tentar prever o futuro sem estudar a história é como tentar aprender a ler sem se dar ao trabalho de aprender o alfabeto.

Quando estava a preparar-me para escrever a *Parábola dos Talentos*, tive de pensar em como um país pode deslizar até ao fascismo – algo que a América faz nos Talentos. Por isso, reli a *Ascensão e Queda do Terceiro Reich* e outros livros sobre a Alemanha Nazi. Estava menos interessada nos combates da Segunda Guerra Mundial do que na história da pré-guerra acerca de como a Alemanha mudou à medida que sofria

com problemas sociais e económicos, à medida que Hitler e outros agrediram e seduziram, à medida que os alemães reagiam às agressões e à sedução e à sua própria história, e à medida que Hitler usava essa história para os manipular. Queria compreender as mentiras que as pessoas têm de contar a si próprias quando, silenciosa ou alegremente, vêem os seus vizinhos serem minados, feitos desaparecer, mortos. Diferentes versões deste horror aconteceram vezes sem conta na história. Continuam a acontecer em lugares como o Ruanda, a Bósnia, o Kosovo e Timor-Leste, onde quer que um grupo de pessoas permita que os seus líderes o convença de que, para sua própria protecção, para a segurança das suas famílias e do seu país, têm de atingir os seus inimigos, esses outros: estranhos que até ali eram seus vizinhos.

É relativamente fácil reconhecer este horror quando ele acontece noutra parte do mundo ou algures noutro tempo. Mas se quisermos detectá-lo aqui onde moramos, se quisermos detectá-lo antes que consiga crescer e fazer o seu pior, temos de prestar mais atenção à história. Isto bateu-me à porta há uns anos, quando vivia em frente a uma rapariga de quinze anos cujo avô me pediu para a ajudar com os trabalhos de casa. A rapariga estava a fazer um trabalho sobre um homem que tinha fugido da Europa durante a década de trinta por causa de umas pessoas chamadas – hesitou e de-



pois pronunciou uma palavra que claramente não lhe era familiar – "os Nayzis?" Demorei algum tempo a perceber que se referia aos nazis e que não sabia absolutamente nada sobre eles. Esquecemo-nos da história por nossa conta e risco.

**Respeitar a Lei das Consequências**

Recentemente queixei-me ao meu médico que o medicamento que ele receitou tinha um efeito secundário muito incómodo.

"Posso dar-lhe um medicamento para contrariar esse efeito", disse-me.

"Um medicamento para contrariar os efeitos de outro medicamento?" perguntei.

Ele acenou com a cabeça. "Vai ser mais confortável para si."

Comecei a recuar. Detesto tomar medicamentos. "O problema não é assim tão mau." Disse eu. "Consigo lidar com ele."

"Não tens de te preocupar. Este segundo medicamento funciona e não tem efeitos secundários."

Isso travou-me. Fez-me ter a certeza absoluta de que não queria o segundo medicamento. Apercebi-me que não acreditava que existissem medicamentos sem efeitos secundários. De facto, não acredito que possamos fazer seja o que

for sem efeitos secundários – também conhecidos como consequências indesejadas. Essas consequências podem ser benéficas ou prejudiciais. Podem ser demasiado pequenas para ter importância ou podem valer a pena correr o risco porque os potenciais benefícios são grandes, mas as consequências estão sempre presentes. Na Parábola do Semeador, a minha personagem disse-o da seguinte forma

**Tudo aquilo em que tocas/ Muda**
**Tudo o que mudas/ Muda-te a ti**
**A única verdade duradoura/É a mudança**
**Deus/É mudança**
**Ter Consciência da Tua Perspectiva**

Quantas combinações de consequências inesperadas e de reacções humanas a estas são necessárias para nos desviar para um futuro que parece desafiar qualquer tendência óbvia? Não muitas. É por isso que prever o futuro com exactidão é tão difícil. Algumas das previsões mais erradas que já vi são do tipo linear – é o tipo que ignora a inevitabilidade das consequências inesperadas, ignora as nossas reacções, muitas vezes pouco lógicas, a essas consequências e diz simplesmente: "No futuro, teremos cada vez mais do que quer que seja que esteja a prender a nossa atenção nesse momento". Se estivermos num período de prosperidade, então, no futuro, prosperidade teremos. Se estivermos num período de recessão, estaremos condenados a um desgaste ainda maior. É claro que prever um estado impossível de prosperidade permanente pode muito bem ser um acto de medo e de esperança supersticiosa, mais do que um acto de pensamento linear desprovido de imaginação. E prever a desgraça em tempos difíceis pode ter mais a ver com a tristeza e a depressão do momento do que com qualquer visão real das possibilidades futuras. A superstição, a depressão, o medo, desempenham um papel importante nos nossos esforços de previsão.

É também verdade que a posição em que nos encontramos determina o que conseguimos ver. A minha posição quando comecei a prestar atenção às viagens espaciais influenciou certamente aquilo que vi. Segui a corrida espacial do final da década de 1950 e da década de 1960, não porque se tratava de uma corrida, mas porque nos estava a conduzir para longe da Terra, para longe de casa, para investigar os mistérios do universo e, pensava eu, para encontrar novos lares para a humanidade por lá. Isto atraiu-me, pelo menos em parte, porque estava na adolescência e começava a pensar em sair de casa da minha mãe e a investigar os mistérios da minha vida adulta.

A Apollo 11 chegou à lua em Julho de 1969. Já tinha saído de casa nessa altura e acreditava que estava a ver a humanidade a sair de casa. Parti do princípio de que iríamos estabelecer colónias lunares e, eventualmente, enviar pessoas para Marte. Provavelmente, iremos fazer isso um dia, mas nunca imaginei que demorasse tanto tempo como tem demorado. Moral da história: o pensamento positivo não é mais útil para prever o futuro do que o medo, a superstição ou a depressão.

**Contar Com as Surpresas**

Não há muito tempo, estava a falar para um grupo de estudantes universitários e mencionei o medo que teríamos tido de uma guerra nuclear com a União Soviética. Os jovens com quem estava a falar tinham nascido por volta dos anos oitenta e um deles disse que nunca se tinha preocupado com uma guerra nuclear. Nunca acreditou que tal coisa pudesse acontecer, achava a ideia absurda. Não conseguia imaginar que, nos anos sessenta, setenta e oitenta, durante os tempos da Guerra Fria, ninguém se atreveria a prever a resolução pacífica dos anos noventa. Lembro-me dos exercícios anti-aéreos quando andava na escola primária, de como nos ajoelhávamos de cabeça baixa contra as paredes dos corredores, com as mãos nuas a proteger os nossos pescoços ex-



postos, na esperança de que, se alguma vez acontecesse uma guerra nuclear, a cidade de Los Angeles fosse poupada. Mas a ameaça de guerra nuclear desapareceu, pelo menos por agora, porque, para nossa surpresa, o nosso principal rival, a União Soviética, se dissolveu. Por mais que tentemos prever o futuro há sempre estas surpresas. A única previsão segura é que estas sempre existirão.

Porquê tentar prever o futuro se isso é tão difícil, quase que impossível? Porque fazer previsões é uma forma de dar um aviso quando nos vemos a derivar em direcções perigosas. Porque a previsão é uma forma útil de apontar para caminhos mais seguros e mais sensatos. Porque, acima de tudo, o nosso amanhã é filho do nosso hoje. Através do pensamento e da acção exercemos uma grande influência sobre essa criança, embora não a possamos controlar absolutamente. Mas o melhor é pensar nisso. O melhor é tentar transformá-la em algo bom. O melhor é fazer isso como qualquer criança.

**AH!**
**Associação Mural Sonoro**
Cç. Santana, 169
1150-303 Lisboa